

Quero é dançar na chuva

João Paulo Cotrim - 27 Jan 2021



Horta Seca, Lisboa, sexta, 8 Janeiro

«Nós, em devir// oramos todos uns dias por um quinhão de alegria». Envolta em mãos desenhadas, simples à vista e outras quase ocultas a tocar corações e complexidades, chega-me «oração», de Isabel Baraona, em correio com carimbo de data e selo contem Amália na fronteira de serrilha. Leio a magnífica litania logo passando para a voz alta, seu indubitável lugar. O caderno que sobra para lá do invólucro de mãos acolhe com mestria gráfica a cadência dos versos em repetição acrescentada, como se fossem chegando para irem adensando até ao núcleo dispersando depois. Aspectos e segredos de mães e amantes, «um coração duas línguas», apanhados no ar para irem definindo corpo, de palavras que são matéria, e casa, de espaços que são respiração. «nós, plural feminino// nós, que somos apenas/ nós, que somos quase// nós, em devir, nós, plurais e por vezes repetitivas,/ as eleitas, mas não as mais jovens/ amantes, mas não as mais belas/ nós, à escuta do amor dos homens/ desejando neles a fêmea que também são/ nós, canhestras e porventura insolentes/ hirtas, entre músculo e ossatura frágil/ esfolamos os seios até ao coração.» A citação falha na aproximação à experiência, destrói o objecto, perfura a borboleta ainda viva. Leio vezes sem conta, «não dizendo angústia porque as palavras são desejos», mas celebrando-a. Um grito bordado em murmúrio. Uma pérola de carne e osso. Mais do que jardinagem de sinais poéticos, dizem-se as palavras que precisão ficar contíguas ao corpo e à casa para o definirem. O ícone não representa, faz-se presença. Uma afirmação de brutal carga eléctrica, indispensável para sobreviver «ao ícone desfeito em tempestade». Queria muito voltar a rezar assim: «nós,// oramos sempre e ainda por uma alegria leve e viva».

Santa Bárbara, Lisboa, sexta, 15 Janeiro

Cá está novo fechamento, anunciado à náusea, adiado ao limite. Ainda assim, as ruas não se esvaziam. A catástrofe está instalada à razão de um avião em queda por dia, mas nem isso acende as campanhas históricas dos telexes virtuais. Ou antes, os alarmes são ignorados, por não querermos acreditar na impossibilidade de se viver como habitualmente. Arde-me a casa, mas na vez de tentar apagar todos os fogos, o fogo, entendo por bem arrumá-la.

Nem isso: escolho um gesto minimal repetitivo e nele me instalo, performance silenciosa no escuro. Melhor faria se observasse os mil modos do gato se espreguiçar, harmoniosas odes à potência do salto.

Parceiro de projectos postos em pausa, o João Francisco [Vilhena] desafia-me para um «Diário das nuvens», desconhecendo ainda assim a minha desmedida e diletante atracção por esses fugidios elementos. Que teriam para dizer essas imemoriais companheiras destes nossos pára-arranca? Um dos muito encantos das ditas massas suspensas de água e poeira está em nada dizer. Somos nós que nelas penduramos estados de espírito, tornando-as vestes da tristeza ou da melancolia. O João envia, a cada dia, fotografia de um caso, jogando com luz, composição e a sua leitura do dia. Estou a vê-lo a bater às portas para poder subir às varandas, aos telhados, identificando-se: «é para contar as nuvens». Para contar das nuvens só mesmo palavras, micro-histórias ao sabor da absoluta liberdade, perseguindo ideia ou descascando palavra, descrevendo objecto ou engendrando situação, observando, dentro e fora. Exercício de felino doméstico, arranhar sofás e espreitar visões do vizinho nenhures. As decisões urgentíssimas que continuem presas na sua desesperança prática. Topei logo a fala das portas dos últimos dias — estava capaz de criar uma religião. O Bernardo [Trindade] está a fechar com estrondo uma de vidro que permitia, mesmo nas madrugadas aflitas, ver as lombadas alinhadas a conservar saberes. Nem o gradeamento em losangos, arremedo securitário pintado de flores por estes dias, impede que nos assomamos ao miradouro. A da abysmo foi raspada e polida, caiu o verniz, perdeu brilho, portanto, para acolher entretons de laranja. Dá-lhe movimento, parece que acabou de se esfregar na pele na cidade, parou para descansar por instantes antes de continuar a roçar-se pelas coisas do mundo. A do prédio aqui possui curiosa mistura de peso e transparência, momento distinto das artes aplicadas, com a fechadura próxima do chão, uma bela moral: tu que queres entrar, baixa-te para alcançar a abertura. Apanhei a tua nuvem, João, hesitando entre pára-quedas e metáfora. Entrada primeira:

«Estava capaz de jurar que era uma ideia. Foram as suas hesitações perante a porta que me despertaram. Era uma porta semelhante a tantas horas que se rasgam em rectângulo na face dos prédios. Umas são como canções, outras não. Umas são de abrir acessos, outras de os travar. Esculturas de ferro com transparências de vidro. Cegas na bruteza. Vendo bem, esta era distinta. Era a porta da rua. Não do prédio, mas da rua. O exterior, que costumava ser de todos, vedava-se. A ideia encontrava-se entalada no exacto espaço entre entrada e saída. Ainda bem que o desconforto térmico não era por aí além.”

Comentários (0) [Comentários Facebook](#)

✉ Subscriver ▼

Ligar-se com

Seja o primeiro a comentar!

0 COMENTÁRIOS

Pesquisar ...

Últimas Notícias

Mais de 300 polícias feridos nas manifestações de terça-feira em Nova Deli

27 Jan 2021

Hong Kong instaura confinamentos sem aviso prévio para combater novos surtos

27 Jan 2021

Covid-19 | Mais de 22 milhões de pessoas já receberam vacina na China

27 Jan 2021

Covid-19 | China soma 55 novos casos por contágio local

27 Jan 2021

Principal aeroporto do sul da China foi o mais movimento do mundo em 2020

27 Jan 2021

Artigos Relacionados

Encruzilhadas

A reparação cósmica

A poesia como refúgio

Freud & Maradona Lda.



JORNAL EM LÍNGUA PORTUGUESA

Este é o jornal Hoje Macau na internet. Somos as notícias, a análise, a opinião e muito mais, em língua portuguesa, na Região Administrativa Especial de Macau.

[VER TODAS](#)

TEMAS

ARTES, LETRAS E IDEIAS / BAIRRO DO ORIENTE / BREVES / CHINA / ÁSIA / CHÁ (MUITO) VERDE / CONFEITARIA / CONTRAMÃO / DESPORTO / DE TUDO E DE NADA / DISSONÂNCIAS / DIVINA COMÉDIA / DIÁRIO DE UM EDITOR / DIÁRIOS DE PRÓSPERO / EDITORIAL / ENTREVISTA / ESTENDAIS / EVENTOS / FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA - ESPECIAL / FICHAS DE LEITURA / GRANDE PRÉMIO DE MACAU / H / HTV / H | ARTES, LETRAS E IDEIAS / INTERNACIONAL / MACAU VISTO DE HONG KONG / MANCHETE / MÁQUINA LÍRICA / NA ORDEM DO DIA 热风 / O OFÍCIO DOS OSSOS / OPINIÃO / PERFIL / PERSPECTIVAS / PESSOAS / PLANO DE CORTE / POLÍTICA / REENCARNAÇÕES / REPORTAGEM / RETROVISOR / SEXANÁLISE / SOCIEDADE / TONALIDADES / UM GRITO NO DESERTO / VIDA DE CÃO / COMPOSITORES E INTERPRETES ATRAVÉS DOS TEMPOS / ÓCIOS & NEGÓCIOS /